

O Bullying no Ambiente Escolar

Bullying in the school environment

Adriele Bomfim Santos

Cristiane Pereira de Oliveira Costa

João Pedro da Conceição Pacheco

Kimberly Barcelos de Oliveira

Resumo: Neste artigo, trabalhamos a questão do Bullying no ambiente escolar, visitamos três escolas do Ensino Fundamental sendo uma do Município de Cariacica e duas do Município de Serra. Foi elaborada uma pesquisa de campo com questionários para crianças do 5º ano em Cariacica e 7º e 9º anos da escola A e 7º e 8º anos da escola B, ambas do município de Serra. Através dos questionários os alunos tinham livre escolha para responder ou não as perguntas. Aos Diretores e Pedagogos foram feitas também três perguntas abertas para também responderem ou não sobre o tema bullying e o envolvimento do corpo docente sobre o assunto. Nesse contexto, visualizamos que os alunos estão conscientes do bullying e suas consequências, sabem identificar o agredido, o agressor e os espectadores. Em relação ao corpo docente há trabalhos relacionados com o tema. Logo observamos que a família, a escola e o corpo docente ainda carecem de mais aproximação.

Palavras-Chave: Bullying; Ambiente Escolar; Ensino Fundamental.

Abstract: We visited three elementary schools, one in the municipality of Cariacica and two in the municipality of Serra. A field study was carried out with questionnaires for 5th graders in Cariacica and 7th and 9th graders in school A and 7th and 8th graders in school B, both in the municipality of Serra. Through the questionnaires, the students had free choice as to whether or not to answer the questions. The Principals and Pedagogues were also asked three open-ended questions to answer or not about bullying and the involvement of the teaching staff on the subject. In this context, we can see that the students are aware of bullying and its consequences, and know how to identify the victim, the aggressor and the bystanders. The teaching staff have done work on the subject. We therefore observed that the family, the school and the teaching staff still need to come closer together.

Keywords: Bullying; School Environment; Elementary Education

Introdução

Este artigo tem como tema o “Bullying no ambiente escolar”. Nosso interesse pelo tema “bullying” surgiu no intuito de descobrir se os alunos pré-adolescentes e adolescentes de faixas etárias diferentes (5º ano, 7º ano, 8º ano e 9º ano) tinham noção sobre o bullying, suas consequências, se já tinham praticado ou praticam sabendo de suas consequências em outros indivíduos e o papel da escola em relação a esse tema, com questionário para o diretor(a) e pedagogo(a) das

escolas, visto que esse é um tema recorrente no ambiente escolar, evidenciando a relevância desse tema ser tratado.

A escola é, depois do ambiente familiar, um lugar onde se consolidam as interações sociais entre as crianças, lugar de descobertas, de convívio com pessoas de diferentes classes sociais, culturais, étnicas, raciais, etc. Mas também vem se transformando num palco de situações conflituosas e de demonstração de atitudes violentas entre alunos, dentre os quais se destaca o bullying, que é caracterizado como uma variedade de comportamentos de maus-tratos adotados por um ou mais indivíduos em relação ao outro, podendo ser de caráter físico e/ou psicológico.

Bullying é uma palavra inglesa que identifica praticamente todos os maus comportamentos, não havendo termo equivalente em português. Bully é traduzido como brigão, valentão, tirano; como verbo, significa tyrannizar, oprimir, amedrontar, ameaçar, intimidar, maltratar (Lopes Neto, 2011, p.21).

As consequências causadas pelo bullying vão desde reações de estresse, baixo rendimento escolar, baixa auto-estima, pensamentos destrutivos, ideia de vingança contra à própria instituição escolar, pensamentos e ações suicidas que temos visto nas mídias, como redes de televisão e redes sociais. Mas, infelizmente:

É consenso mundial que não há escola sem bullying, e mesmo que todos os recursos sejam aplicados e que todos se empenhem a combatê-lo, o comportamento agressivo e prepotente não será “zerado” jamais. Portanto, se alguém afirmar que em determinada escola não há casos de bullying, esse indivíduo não conhece o que é bullying ou quer negar a sua existência (Lopes Neto, 2011, p.81).

Mas isso não quer dizer que nenhuma atitude deve ser tomada, muito pelo contrário. O bullying é um tema muito subestimado pela sociedade, pelas escolas, pelas famílias, o que dificulta o desenvolvimento de projetos de ações anti-bullying nas escolas. O bullying é um tipo de violência e deve ser tratado como um ato de violência e não como uma “simples brincadeira”. Projetos devem ser feitos, com o envolvimento de todos integrantes da escola, desde os

professores, diretores e pedagogos até os alunos, sendo importante o envolvimento das famílias.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB):

Art.12. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: IX - promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (bullying), no âmbito das escolas (Leis e Diretrizes de Base da Educação Nacional, 1996).

Por isso, utilizamos questionários formulados com perguntas objetivas e uma pergunta aberta sobre o tema bullying, totalizando 7 (sete) ao todo, sendo essas perguntas dirigidas aos alunos e três perguntas direcionadas aos diretores e pedagogos das três escolas em que foram feitas as pesquisas, com o objetivo de analisar como os estudantes e o corpo docente estão lidando com a questão do bullying no ambiente escolar.

Referencial teórico

Nosso principal referencial teórico foi Dan OLWEUS(1996), da Universidade de Bergen-Noruega, ele é citado como o primeiro pesquisador a realizar pesquisas específicas sobre o bullying.

Aqui no Brasil buscamos pela pesquisadora Cleo Fante, que junto com Aramis. A. Lopes Neto e Lúcia Helena Saavedra coordenaram as primeiras pesquisas referentes ao fenômeno feitas pela Associação Brasileira de Proteção à Infância e ao Adolescente-ABRAPIA. Nas pesquisas feitas, revelaram que o bullying está presente nas escolas brasileiras independente de sua localização, tamanho, séries atendidas, se são públicas ou privadas e o lugar indicado de maior incidência do fenômeno foi a sala de aula (Lopes Neto & Saavedra, 2003; Fante, 2005).

A forma mais frequente de violência contra crianças e adolescentes é a que ocorre entre eles próprios, conhecida como bullying. Trata-se do conjunto de comportamentos agressivos e repetitivos de opressão, tirania, agressão e dominação de uma pessoa

ou grupos sobre outra pessoa ou grupos, subjugados pela força dos primeiros.

Note que o bullying apresenta três elementos fundamentais: são atos repetitivos, comportamentos danosos e deliberados, existindo sempre uma assimetria imprópria de poder entre o agressor e a sua vítima (Lopes Neto, 2011).

O bullying só ocorre se houver um contexto social onde os indivíduos estejam envolvidos em relacionamentos duradouros, como acontece no ambiente escolar, quando a convivência é cotidiana. Sem esse cenário, a caracterização dos atos agressivos repetitivos torna-se improvável. Mesmo em condições em que a forma de contato seja virtual (Internet, celulares etc.), deve ser entendido que se trata de uma forma de relacionamento estabelecida em um determinado espaço de tempo e com uma frequência também definida. O bullying não é um fenômeno isolado, exclusivo de culturas específicas, mas, sim, prevalente no mundo todo, encontrado em todas as escolas independente das características sociais, culturais e econômicas de seus usuários (Lopes Neto, 2011, p.22).

As vítimas podem apresentar características diferenciadas que, segundo Fante (2008) podem ser classificadas em:

Vítima típica: são aqueles que apresentam pouca habilidade de socialização, são retraídos ou tímidos e não dispõem de recursos, status ou habilidades para reagir ou fazer cessar as condutas agressivas contra si. Geralmente apresentam aspecto físico mais frágil ou algum traço ou característica que as diferencia dos demais.

Vítima provocadora: São aqueles alunos que agem impulsivamente, provocando os colegas e atraindo contra si reações agressivas, contra as quais não conseguem lidar com eficiência. Por isso acabam vitimizados. Pode apresentar características de hiperatividade ou ser inquieta, dispersiva e ofensora.

Vítima agressora: São aqueles alunos que são ou foram vitimizados e que acabam reproduzindo os maus-tratos sofridos. Integram-se a grupos para hostilizar seu agressor ou elegem uma outra vítima como “bode expiatório”. Adotam atitudes de intimidação das quais foram vítimas ou apoiam explicitamente os que assim procedem. Em casos extremos, são aqueles que se munem de armas e explosivos e vão até a escola em

busca de justiça. Matam e ferem o maior número possível de pessoas e dão fim à própria vida.

Agressor: São aqueles que se valem de sua força física ou habilidade psicoemocional para aterrorizar os mais fracos e indefesos. São prepotentes, arrogantes e estão sempre metidos em confusões e desentendimentos. Utilizam várias formas de maus-tratos para torna-se populares, dentre elas as “zoações”, os apelidos pejorativos, expressões de menosprezo e outras formas de ataques, inclusive os físicos. Podem ser alunos com grande capacidade de liderança e persuasão, que usam de suas habilidades para submeter outro(s) ao seu domínio.

Espectador: Os espectadores representam a maioria dos alunos de uma escola. Eles não sofrem e nem praticam bullying, mas sofrem as suas consequências, por presenciarem constantemente as situações de constrangimento vivenciadas pelas vítimas. Muitos espectadores repudiam as ações dos agressores, mas nada fazem para intervir. Outros os apoiam e incentivam dando risadas, consentido com as agressões. Outros fingem se divertir com o sofrimento das vítimas, como estratégia de defesa.

“Esse comportamento é adotado como forma de proteção, pois temem tornar-se as próximas vítimas” (Fante, 2008, p.59-61).

Em nosso país, a bibliografia sobre o tema é escassa. São poucos livros disponíveis no mercado nacional, mas existem nos meios de comunicação, principalmente na internet, uma série de artigos e reportagens sobre o tema. Quando os professores são treinados para a identificação, o diagnóstico e o encaminhamento do problema, tornando-se aptos a desenvolver estratégias psicopedagógicas de prevenção, fundamentados nos princípios de educação para a paz, são capazes de intervir de forma adequada em tais circunstâncias (Fante, 2008, p.54).

Diante das dificuldades de identificar o bullying em sala de aula, Fante(2008) cita alguns comportamentos próprios de alunos vítimas, formuladas por Olweus (1996), que podem ajudar a identificar quando um aluno está sendo vítima do bullying na escola, os professores devem ficar atentos se:

O aluno está constantemente isolado dos demais, especialmente no horário de recreio; se nos trabalhos em grupo ou jogos em equipe é sempre o último a ser escolhido; se é alvo de “zoações”, caçoadas,

apelidos pejorativos em decorrência do seu aspecto físico, psicológico ou cognitivo; se apresenta aspecto triste, deprimido, aflito, ansioso, irritado ou agressivo; se no decorrer dos meses há súbita queda no rendimento escolar e desinteresse pelos estudos; se falta às aulas frequentemente, sem justificativas convincentes; se apresenta arranhões, ferimentos ou danificação de seus materiais escolares constantemente; se é intimidado, perseguido ou maltratado fisicamente. Além dessas observações, o professor deve também ater-se às reações da vítima quando atacada, especialmente por meio da resposta que manifesta pela expressão fisionômica (Fante, 2008, p.107-108).

Os estudantes devem saber que uma das primeiras coisas a fazer quando surgem problemas de bullying é buscar a ajuda de um adulto em quem confiam e envolvê-lo no processo rapidamente. A melhor defesa é com certeza, a intervenção precoce. (Lopes Neto, 2011, p.88).

Existe um distanciamento das famílias com as escolas, motivado pelo entendimento de que a relação das crianças e adolescentes com seus colégios seja restrita ao ensino e ao aprendizado. Portanto, os meios pelos quais os pais avaliam o desempenho escolar de seus filhos dão a verificação das notas nos boletins, a frequência e os cadernos de anotações. Raramente existe a preocupação sobre o que sentem ao estar na escola, as amizades, o ambiente, o comportamento de seus filhos e dos colegas etc. Quando surge o sentimento de que seja necessário discutir sobre a ocorrência de bullying nas escolas, o envolvimento familiar é fundamental, tanto para a elaboração e execução das ações antibullying, como para a formalização do papel de orientador e do apoio para seus filhos. Esse movimento de aproximação deve ter mão dupla, contando também com iniciativa da própria escola [...]. Na grande maioria das vezes, os pais e professores são os últimos a saber dos casos de bullying. Os alvos tendem a manter-se em silêncio e aparentar calma, isolando-se ou modificando o seu modo de agir, em casa ou na escola. Os adultos, portanto, devem estar cientes de que os estudantes hesitam em envolver os adultos por causa do medo e da vergonha que sentem, podem temer por possíveis

críticas de seus pais ou recear por intervenções que piorem a situação (Lopes Neto, 2011, p.86-87).

É muito difícil atribuir responsabilidades ao professor quando a maioria desconhece o fenômeno, seus critérios de identificação e suas implicações. É necessário, acima de tudo, políticas públicas emergenciais que proporcionem às escolas o conhecimento desse tipo de comportamento. Entretanto, mesmo não reconhecendo o fenômeno, é dever de todo professor zelar pela qualidade da convivência pacífica em sua aula e na escola como um todo. Sabemos que quando os professores atuam com competência profissional e responsabilidade os comportamentos inadequados ficam restritos a poucos alunos, além de ser inibida a ação dos autores de bullying (Fante, 2008)

Metodologia

Este estudo teve como objetivo ser realizado no campo da Educação e da Pedagogia; ele é caracterizado como descritivo e teve como meta alcançar a familiarização e explicitação da questão investigativa e também estabelecer relações entre as diversas variáveis propostas pelo objetivo geral da pesquisa (GIL, 2009).

A pesquisa descritiva, usa técnicas de coletas de dados de forma padronizada a fim de descrever os atributos do público ou dos fenômenos selecionados pelo pesquisador para seu estudo (GIL, 2009).

As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados (Gil, 2009, p. 28).

Quanto aos procedimentos, recorreu-se ao desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica e um estudo de campo. A pesquisa bibliográfica é principalmente fundamentada nos artigos e livros pesquisados em bases de dados que sejam relacionados aos temas que se planejam serem pesquisados (Gil, 2009).

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas (Gil, 2009, p. 50).

A pesquisa bibliográfica foi realizada com base na produção dos artigos e livros baseados na área da educação em sua maioria buscando-se encontrar informações que estejam de acordo com os temas pesquisados, que nesse caso são definidos como: “Educação infantil” e “Bullying”.

Já a pesquisa de campo, foi necessária para melhor entender os fenômenos que cercam os temas estudados, seria de suma importância os pesquisadores estarem presentes nos ambientes pesquisados.

No estudo de campo estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes. Assim, o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação (Gil, 2009, p. 57).

Como durante a pesquisa ocorreu um caso específico, foi decidido que seria de suma importância também utilizar o método do estudo de caso. Este método pode ser feito de maneira exaustiva e profunda, tendo como objeto um ou mais casos presentes na coleta de dados. Seu propósito é descrever e explorar casos verídicos, conjecturar hipóteses e criar teorias baseadas a partir dos fenômenos que aconteceram durante o estudo de campo (Gil, 2009).

A ferramenta de coleta que foi utilizada para o colhimento dos dados necessários foi o questionário. Devido ao trabalho de campo que já foi citado acima, se faz necessário uma forma para quantificar e organizar tudo aquilo que foi observado em campo.

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado (Gil, 2009, p. 121).

Já a abordagem usada se define como caráter qualitativo. O objetivo dela é analisar de maneira subjetiva o objeto de pesquisa em foco. Ou seja, ela vai buscar decifrar os comportamentos daquele objeto estudado e entender as suas especificidades a partir de experiências e afins (Gil, 2009).

Tendo posto todas estas informações, se torna visível de que forma a pesquisa foi estruturada e espera-se os melhores resultados para que assim através desta produção científica seja possível construir novos conhecimentos que possibilitem o crescimento de materiais acerca dos temas escolhidos e contribuir mesmo que com uma pequena parcela de conhecimento para a área da educação.

Análise de dados

Entre os estudantes, há quatro tipos de participação que podem ser identificados: agressores ou autores, alvos ou vítimas, alvos/autores e testemunhas ou observadores (Lopes Neto, 2011).

Com base nas análises das respostas dadas aos questionários pelos alunos, observamos todos esses tipos de participações.

Na primeira pergunta, perguntamos aos alunos se eles já praticaram bullying. No 7ºano da escola A, dos 32 alunos em sala, só 30 responderam ao questionário. Destes 30, dois responderam que “sim”, um menino e uma menina, e os 26 restantes responderam que “não” e outros dois não responderam. No 9ºano da mesma escola, todos os 23 alunos presentes responderam ao questionário. Destes 23 alunos, 8 (oito) responderam que já praticaram bullying, duas meninas e seis meninos e os 15 alunos restantes responderam “não”. Na segunda escola, escola B, no 7ºano, dos 30 alunos presentes, 28 responderam ao questionário. Destes 28, 7 (sete) responderam que já praticaram bullying, cinco meninos e duas meninas, e os 21 restantes responderam que não. No 8ºano da mesma escola, todos os 14 (quatorze) alunos presentes responderam ao questionário. Destes 14 (quatorze), três responderam que já praticaram bullying, dois meninos e uma menina, e os 11 (onze) restantes responderam que “não”. Já na terceira escola, escola C, não obtivemos respostas para essa pergunta por ser uma faixa etária menor, de 5ºano.

Houve uma resposta que nos chamou atenção: “O bullying é algo vergonhoso e depressivo para quem sofre e eu já fiz e não faria mais” (DEPOIMENTO DO ALUNO 1 DO 9ºANO, 2022, grifo nosso). Aqui, observamos um autor/agressor que hoje, é consciente do que fez e se arrepende. Com isso, identificamos os autores/agressores nas duas escolas.

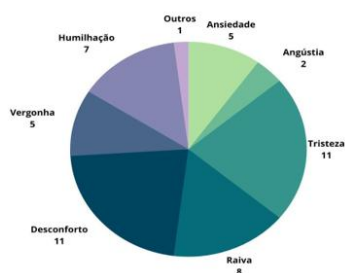
Na segunda pergunta, perguntamos a respeito de quem já sofreu bullying. Na escola A, na turma de 7ºano, 18 alunos afirmaram já ter sofrido bullying, 9 (nove) meninas, 7 (sete) meninos e dois alunos que se identificaram como não-binário, e os 9 (nove) restantes responderam que não sofreram bullying. No 9ºano da mesma escola, 18 alunos afirmaram já terem sofrido bullying, 9 (nove) meninas, 8 (oito) meninos, e os 17 restantes responderam não terem sofrido bullying. Na escola B, na turma de 7ºano, 18 alunos afirmaram já terem sofrido bullying, 10 (dez) meninas e 8 (oito) meninos, e os 13 restantes responderam não terem sofrido bullying. Na turma de 8ºano da mesma escola, cinco alunos afirmaram já terem sofrido bullying, quatro meninos e uma menina, e os 9 (nove) restantes responderam não ter sofrido bullying. Já na escola C, na turma de 5ºano, 11 afirmaram já ter sofrido bullying, 6 (seis) meninas e 5 (cinco) meninos, e os 5 restantes responderam não ter sofrido bullying. Nessa pergunta, identificamos os alvos/vítimas.

A terceira pergunta nós elaboramos baseado no livro de Fante e Pedra (2008) “Bullying escolar: perguntas e respostas”, pois, segundo eles:

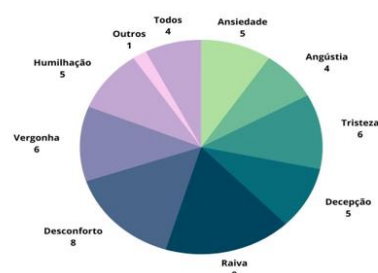
O bullying poderá mobilizar ansiedade, tensão, medo, raiva reprimida, angústia, tristeza, desgosto, sensação de impotência e rejeição, mágoa, desejo de vingança e pensamento suicida, dentre outros (Fante; Pedra, 2008, p.41).

Com isso, elaboramos a pergunta: “O que você sentiu ao sofrer bullying?”. As respostas que obtivemos, foram:

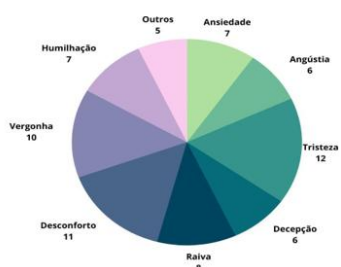
Escola A: 7º ano



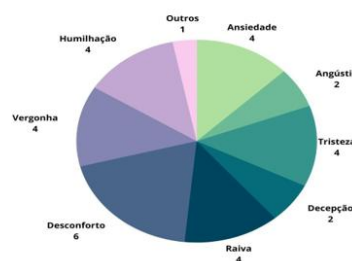
Escola A: 9º ano



Escola B: 7º ano



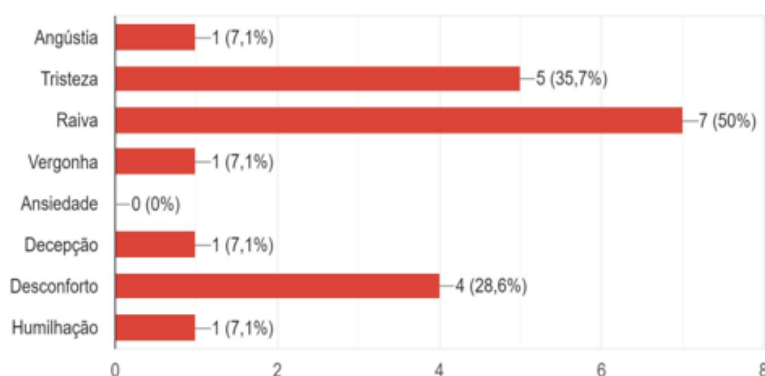
Escola B: 8º ano



Escola C: 5º ano

O que você sentiu ao sofrer Bullying?

14 respostas



Observamos que os sentimentos que mais apareceram foram: raiva, tristeza e desconforto.

Bullying traz ansiedade, tristeza, faz você querer ficar sozinho, com vergonha de sair de casa. Bullying

machuca muito o coração (DEPOIMENTO DO ALUNO 2 DO 7ºANO, 2022, grifo nosso).

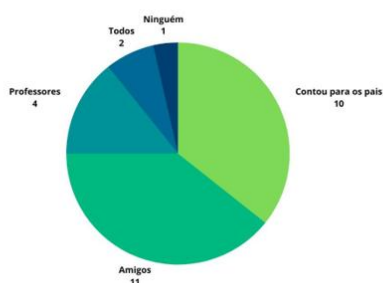
Bullying é uma coisa que não deve ser praticado com ninguém, pois causa depressão, raiva, angústia e etc (DEPOIMENTO DO ALUNO 3 DO 7ºANO, 2022, grifo nosso).

O bullying é uma coisa desconfortável, ninguém gosta (DEPOIMENTO DO ALUNO 4 DO 5º ANO, 2022, grifo nosso).

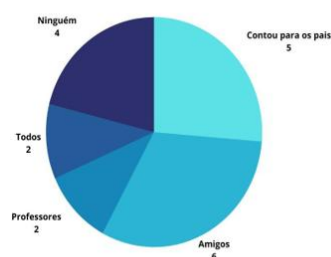
Na quarta pergunta, perguntamos se os alunos já tiveram vontade de faltar a aula por conta do bullying. Na escola A, na turma de 9ºano, 7 (sete) alunos responderam que sim, cinco meninas e dois meninos, os oito alunos restantes responderam que não, e uma aluna disse que não se recorda, pois era muito nova. No 9ºano da mesma escola, 9 (nove) alunos responderam que sim, 6 meninas, duas meninas e um aluno que não quis se identificar. Na escola B, na turma de 7ºano, 7 (sete) alunos responderam que sim, cinco meninas e dois meninos, enquanto os 20 restantes responderam que não. No 8ºano da mesma escola, quatro alunos responderam que sim, duas meninas e dois meninos, e os 10 (dez) restantes responderam que não. Já na escola C, na turma de 5ºano, 13 alunos responderam que sim, 6 meninas e 7 meninos, e os três restantes responderam que não. Podemos observar que um número considerável dos alunos de cada sala que sofreram bullying, pensaram em não frequentar as aulas por conta do bullying.

A quinta pergunta, perguntamos a quem eles contaram que sofreram bullying.

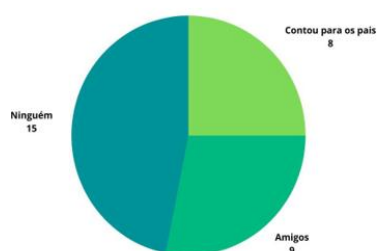
Escola A: 7ºano



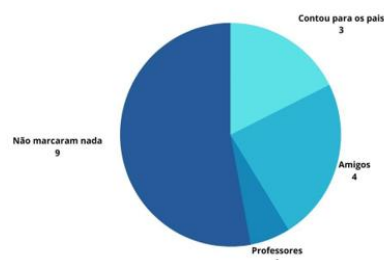
Escola A: 9ºano



Escola B: 7ºano

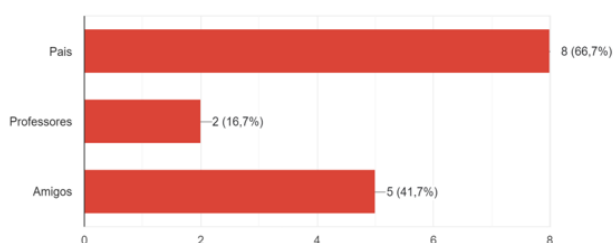


Escola B: 8ºano



Escola C: 5ºano

Você contou para alguém que sofreu Bullying? se sim, para quem?
12 respostas



Podemos observar, que, o que afirma Lopes Neto em seu livro “Bullying: saber identificar e como prevenir”, está certo, pois a maioria dos alunos contaram aos amigos que sofreram bullying, com exceção da turma de 5ºano da escola C.

Na grande maioria das vezes, os pais e professores são os últimos a saber dos casos de bullying. Os alvos tendem a manter-se em silêncio e apresentar calma, isolando-se ou modificando o seu modo de agir, em casa ou na escola [...] podem temer por possíveis críticas de seus pais ou recear por intervenções que piorem a situação (Lopes Neto, 2011, p.87).

Na sexta pergunta, perguntamos a respeito da característica que foi usada pelo agressor como alvo de “zoação”, as respostas que obtivemos foram:

Escola A: 7ºano



Escola A: 9ºano



Escola B: 7ºano

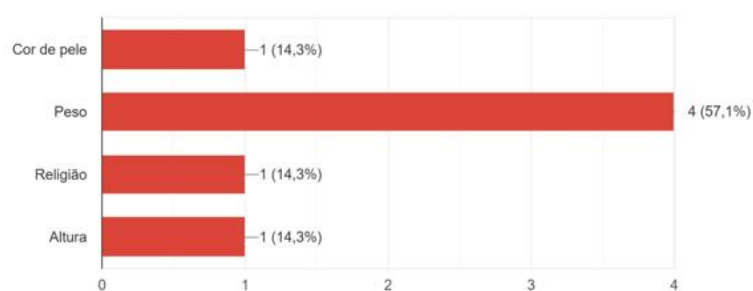


Escola B: 8ºano



Escola C: 5ºano

Você já sofreu Bullying por causa de alguma característica abaixo?
7 respostas



Podemos observar que a característica que mais se repete é “peso”, o que podemos associar ao “padrão de beleza” imposto pela sociedade que acaba afetando também as crianças, pré-adolescentes e adolescentes.

A sétima pergunta, que foi a última, foi uma pergunta aberta, no qual instruímos os alunos a escreverem o que quisessem sobre bullying. Obtivemos algumas respostas muito importantes:

“O bullying é um ato que consequentemente traz traumas à vítima. Obs: a palavra bullying vem de bully, que significa “apanhar, agredir” (DEPOIMENTO DA ALUNA 5, 7º ANO, 2022, grifo nosso).

“O bullying é algo simples. Você não gosta de uma característica em alguém e começa a zoar/ tirar sarro disso. A pessoa cansada disso, tenta mudar isso. Viu só? Não é nada complexo” (DEPOIMENTO DA ALUNA 6, 9º ANO, 2022, grifo nosso).

É pesado e muito tudo o que se fala para alguém pode gerar atitudes drásticas. Sobre mim, desde o 6º ano fui a pessoa mais zoadada da turma, fizeram “nerd” virar algo ruim, o que “não pega ninguém” e tudo vira piada. Por ser gordo e ter os peitos relativamente grandes, pelo sobrenome: frases como “e aí Hupp, tá piscando hoje em”. Já abaixaram minha bermuda no 6º ano e zoaram absolutamente tudo, até minha cueca samba-canção (DEPOIMENTO DO ALUNO 7, 9º ANO, 2022, grifo nosso).

O relato do aluno 7 foi o que mais nos chamou atenção, pelo fato de ele ter nos procurado pessoalmente para contar seu relato após o questionário e ao dizer que aparecemos como “anjos” para ele, por tratar desta temática que tanto atormenta ele. Ele já recorreu à coordenação de sua escola e eles já tentaram de tudo a respeito do agressor, desde chamar os pais até advertências, mas nada adiantou. Ele se sente silenciado pelo agressor, pois quando levanta a mão para fazer algum comentário nas aulas, fica sujeito à agressões. A situação familiar do agressor é complicada, o pai mora longe e ele “desconta” isso no colega, fazendo comentários maldosos a respeito do pai do colega. O aluno (vítima) nos relatou fazer acompanhamento psicológico e psiquiátrico por conta dos traumas do bullying e observamos algumas cicatrizes de cortes nos braços. Nessa situação, é importante alguma atitude ser tomada junto à escola e à família do agressor e da vítima, pois o agressor também passa por problemas pessoais e merece devida atenção e cuidado.

Ato covarde que infelizmente ataca os mais fracos e que sim é acobertado pela escola. O autor que praticou bullying comigo diversas vezes, me ameaçou de morte e de me bater até não conseguir mais.

Esse ato está saindo impune. Eu não posso fazer nada, e a escola? (DEPOIMENTO DO ALUNO 8, 9ºANO, 2022, grifo nosso).

Observamos com relato desse aluno que eles sentem uma falta de segurança na escola, ambiente em que eles passam a maior parte do tempo. Por isso, reafirmamos que deve ser feitas ações anti-bullying nas escolas, junto aos alunos, pais e toda a equipe pedagógica, para assim, oferecer a ajuda e segurança que eles precisam.

"Acho uma coisa brega e legal" (DEPOIMENTO DA ALUNA 9, 7ºANO, grifo nosso).

Assim como também observamos relatos de alunos que sabem o que é bullying e acham algo "normal".

"Acho uma completa falta de respeito. Ao invés das pessoas se preocuparem com a vida delas, se preocupam com as dos outros. Como eu disse: Cuida da sua vida!" (DEPOIMENTO DA ALUNA 10, 7º ANO, grifo nosso).

"Me fez muito mal,e também fez mal pro meu psicológico. As pessoas deveriam pensar nas outras antes de fazer isso. Isso pode tirar vidas."(DEPOIMENTO DA ALUNA 11, 7º ANO, grifo nosso).

"Bullying é uma coisa ruim que machuca o coração, faz ver o pior de si. Só."(DEPOIMENTO DA ALUNA 12, 8ºANO, 2022, grifo nosso).

"O Bullying é uma forma baixa de ofender pessoas melhores que você"(DEPOIMENTO DA ALUNA, 8º ANO, 2022, grifo nosso).

"Eu não tenho nada a dizer sobre o bullying, mas se eu visse alguém sofrendo por causa disso, eu ajudaria com certeza" (DEPOIMENTO DA ALUNA, 5ºANO, 2022, grifo nosso).

"Eu tenho medo de sofrer bullying de novo" (DEPOIMENTO DO ALUNO, 5ºALUNO, 2022, grifo nosso).

"Bullying é realmente muito chato e agonizante, não faça bullying" (DEPOIMENTO DO ALUNO, 5ºANO, 2022, grifo nosso).

Quanto às respostas dos pedagogos e diretores, perguntamos a respeito de como o corpo pedagógico lida com a problemática e as três escolas foram em uma linha de raciocínio parecida, afirmando ter um diálogo com o agressor e suas respectivas famílias e no máximo uma suspensão de dois dias. Nessas conversas com a família, a escola

procura orientar os pais ou responsáveis das vítimas e dos agressores a respeito do bullying e como agir.

Considerações finais

Ao analisar o conteúdo que foi apresentado ao longo deste artigo, é notório que os adolescentes sabem o que é bullying e suas consequências na vida do aluno agredido. Fazendo a comparação das respostas dos questionários, vemos a crescente no número de adolescentes que tiveram contato com o bullying, seja praticando ou sofrendo, sendo mais comum entre os meninos a prática do bullying é mais comum as meninas sofrerem bullying segundo os resultados que obtivemos.

O questionário aponta para algumas características físicas que muitas vezes é usada pelo agressor para a prática do bullying, como por exemplo: a altura e o peso, que são bastante citados na pesquisa, provocando sentimentos como tristeza, humilhação e vergonha. No questionário para diretores(as) e pedagogos(as) das escolas onde foram realizadas as pesquisas, há uma semelhança nas ações anti-bullying do corpo pedagógico, tendo como método conversa com os alunos, as famílias, orientação aos estudantes, advertência verbal e escrita.

Portanto, observa-se que as "escolas A, B e C, têm o entendimento da gravidade do bullying e que ele se faz presente no ambiente escolar, sendo de grande importância o olhar para esse problema, para desenvolver ações, em conjunto com a família e alunos para conscientizar e diminuir o percentual de Bullying nas escolas, trazendo benefícios para a sociedade e escola.

A contribuição que este artigo pode deixar é a conscientização, a sensibilização e ainda a convicção de que não é possível “dar um tempo” nas ações ou realizá-las esporadicamente. O trabalho de prevenção precisa ser contínuo e de responsabilidade de todos, pois na maioria das vezes o problema é deixado de lado e só é retomado quando surgem episódios envolvendo violência física ou virtual, só então são realizadas as intervenções.

Referências

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre, RS: Aritmed Editora S.A, 2008.

LOPES NETO, Aramis Antonio. **Bullying**: saber identificar e como prevenir. São Paulo: Brasiliense, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed.- São Paulo: Atlas, 2009.

OLWEUS, Dan. **Conductas de acoso y amenaza entre escolares**. Madrid: Morata, 1998.

Sobre os autores

Adriele Bomfim Santos

adriele360bomfim@gmail.com

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo.

Cristiane Pereira de Oliveira Costa

cristianecahu@gmail.com

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo.

João Pedro da Conceição Pacheco

joao.p.pacheco22@gmail.com

Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo.

Kímberly Barcelos de Oliveira

kimberlybarcelos49@gmail.com

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo.

Anexos

PERGUNTAS CONTIDAS NO QUESTIONÁRIO DO ALUNOS

Você já praticou Bullying?

Você já sofreu Bullying?

O que você sentiu ao sofrer Bullying?

() Angústia () Ansiedade

() Tristeza () Decepção

() Raiva () Desconforto

() Vergonha () Humilhação () Outros

Você já pensou em faltar aula por medo de sofrer bullying?

☐ Sim ☐ Não

Você contou para alguém que sofreu Bullying? Se sim, para quem?

☐ Pais ☐ Professores ☐ Amigos

Você já sofreu bullying por causa de alguma característica abaixo? ☐ Cor de pele ☐ Peso ☐ Religião ☐ Altura

Escreva o que quiser sobre o Bullying

PERGUNTAS CONTIDAS NO QUESTIONÁRIO DOS(AS) PEDAGOGOS(AS) E DIRETORES(AS)

Como vocês lidam com o Bullying aqui na escola? Poderia me explicar quais medidas são tomadas nos casos mais alarmantes? (Exemplo: os pais são contactados? Os alunos recebem advertência e/ou suspensão? Etc.)

De que forma o corpo pedagógico, em conjunto com os docentes, busca tratar do assunto de maneira didática com alunos dentro e fora da sala de aula?

O corpo pedagógico promove conversas com os pais sobre o assunto e oferece sugestões de como instruir as crianças a não praticarem Bullying com os colegas?